

**Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial - Rio de Janeiro - outubro  
2003**

Função Leitor:  
**Tania Rivera**

**Tema 4**  
**A Mediatização e o Horizonte do Espaço Virtual**

**A Imagem e o Mal-Estar**

“Nós não nos sentimos bem em nossa cultura atual”, afirmava Freud em 1930, “mas é muito difícil construir uma opinião para julgar se, e em que medida, os homens de tempos anteriores se sentiram mais felizes”<sup>1</sup>. Hoje, nosso mal-estar encontra na cultura de massas e no advento do chamado “mundo virtual” álibis potentes, ainda que não possamos julgar se a humanidade era mais feliz antes do advento dos meios de comunicação de massa e da informática. Vários dos trabalhos propostos no tema “A Mediatização e o Horizonte do Espaço Virtual” apresentam e exploram esse mal-estar.

Edelyn Schweidson indigna-se contra o *Big Brother Brazil*, a versão brasileira dos *reality shows*. Esse programa, segundo ela, “normatiza” um mundo onde princípios éticos e a compaixão humana estão ausentes, veiculando situações extremas que gerariam nos telespectadores comportamentos semelhantes, transmitindo a idéia de que “é assim, abolindo o que é mais intrinsecamente humano, que o cotidiano chega à ‘dimensão maior’ de espetáculo”. Ela questiona, ainda, a assessoria que um psicanalista prestaria ao programa e seus participantes, mostrando que ao fazê-lo esse profissional se colocaria em uma posição contrária ao exercício da psicanálise, tornando-se uma espécie de simulacro de psicanalista.

Nelson da Silva Jr. propõe em seu texto “um diagnóstico para o nosso tempo”, em suas próprias palavras. Diante da impossibilidade de realizar a tarefa gigantesca de explicar exhaustivamente a atualidade, ele propõe dois elementos norteadores para qualquer reflexão sobre ela: “a primazia do econômico na determinação da vida cotidiana e a primazia da imagem como veículo e instrumento desta determinação”. Ambos se conjugam no que o autor chama de “mercadorização de subjetividades através da imagem”.

A lógica do desejo seria substituída, no universo da imagem, pela lógica da identificação. O monopólio da imagem geraria então uma des fusão pulsional, que Nelson da Silva Jr. articula, em uma refinada reflexão metapsicológica, à sublimação, pois, segundo um trecho bastante enigmático do “O Eu e o Isso”, a dessexualização implicada nesta última faria com que Eros não conseguisse manter a ligação com o componente de pulsão de morte que o acompanha, liberando-o como destrutividade livre. Sob o signo da pulsão de morte, recobertos pela “sombra da sublimação”, estaríamos, hoje, frente a fenômenos que ultrapassam o modelo hermenêutico dos sintomas neuróticos, obrigando a psicanálise e se reinventar.

Maria Lúcia Homem lembra a condição estrutural do mal-estar na cultura, propondo que nunca a pulsão se deixaria “escrever tranquilamente nas tramas simbólicas da cultura”. Esse fosso seria atualizado em nossos tempos por três fatores: o reinado da imagem, a objetificação crescente do sujeito e a fetichização que sustenta a mercadoria como objeto de consumo. Nesse cenário atual teríamos uma subversão do mal-estar freudiano, por assim dizer. Em lugar de uma reafirmação da recusa à insatisfação, em vez de lembrar continuamente a falta, como faria a cultura pintada em “O Mal-Estar na Cultura”, o universo cultural hoje faria claudicar a dialética do desejo a partir da falta, subtraindo a falta ao colocar em seu lugar “a necessidade contínua de dar cabo da falta e instaurar o novo objeto, o novo produto, o novo falo que irá imaginariamente bloquear o acesso ao vazio”.

O sujeito correspondente a esse estado de coisas é descrito pela autora como um “arremedo de ser envolto na busca infatigável de um recauchutado, potente e alegre novo ‘eu’, pobre consumidor de si mesmo”.

---

<sup>1</sup> Freud, S., “Le Malaise dans la Culture”, in *Oeuvres Complètes*, Paris, PUF, 1994, p. 276.

Seria possível a esse sujeito engajar-se em uma análise? Essa é a importante questão proposta por esse trabalho. Indo mais longe, Maria Lúcia Homem pergunta ainda: “Se a modernidade e seu sujeito estão em crise, a psicanálise, sua cria, também não estaria fadada a desaparecer, mesmo que por alguns séculos?”

Glória Sadala se junta ao coro dos descontentes com a atualidade ao denunciar que “a comunicação na contemporaneidade tem contribuído para um apagamento do desejo, dificultando (...) os atos do sujeito referentes às transformações em si próprio e, provavelmente, no campo social”. Ela propõe, então, que se introduzam os conceitos de pulsão e desejo na área da comunicação. Tal introdução carrega o risco de se subverter a própria noção de comunicação, posto que, na perspectiva do sujeito concebido pela psicanálise, “a comunicação em si não existe”, como lembra Adriana Leite e Santos. Seja como for, Sadala levanta um importante desafio, o de “reencontrar o humano nas novas tecnologias”.

Tal desafio é justamente o que a psicanalista Lila Madrigal Guridi assume de forma corajosa. No texto mais clínico deste tema, ela nos apresenta um rapaz de treze anos, Mario, que é levado ao seu consultório pela preocupação de sua mãe com seu investimento em jogos eletrônicos. Madrigal consente que esse tipo de jogo seja uma “alienação”, mas lembra que o fantasma é já, em si mesmo, uma espécie de alienação. A autora pôde então perceber que o jogo era sinônimo da vida intrapsíquica de Mario, o que a leva a utilizá-lo como uma espécie de objeto transicional e tornar possível um trabalho psicanalítico. Madrigal tira o computador de seu lugar de vilão, e chega a afirmar, de forma que nos provoca a repensar esse papel, que não podemos deixá-lo de lado na clínica atual. A informática teria contudo, conforme essa autora, de cumprir alguns requisitos para entrar na técnica psicanalítica. Sem identificar tais exigências, ela parece convidar-nos a refletir sobre tal inserção e, eventualmente, propor condições para que ela seja possível.

O trabalho de Madrigal nos convida a rever alguns pré-julgamentos, preconceitos contra a tecnologia. Essa parece uma atitude saudável, analítica até, quando nos lembramos de que “os julgamentos de valor dos homens”,

segundo Freud, “são dirigidos incondicionalmente por seus desejos de felicidade”, e “são portanto uma tentativa de apoiar suas ilusões com argumentos”<sup>2</sup>. Gostaria de lançar aqui uma provocação: não seria a própria crítica à ditadura da imagem sustentada por uma ilusão, a de que a tecnologia (à maneira de Deus) tem poderes ilimitados? A crítica virulenta à onipresença da mídia e à onipotência do espetáculo não corre o risco, ao deixar de examinar se eles seriam realmente tão disseminados e eficazes, de se revirar em defesa dos poderes dominantes no mundo dito “globalizado”? Poderia ela, a sua revelia, terminar por reforçar aquilo mesmo que tenta atacar?

Alguns autores nomeiam “pensamento único” a ideologia que abarcaria a sua própria crítica, tornando inócua toda contradição a ela. Para romper com o pensamento único que varece vigorar em relação ao poder de transformação do sujeito pela tecnologia atual, parece-me fundamental que examinemos os dados sobre a informatização, por exemplo, dos homens sobre o planeta Terra. Quatrocentos milhões de pessoas têm hoje, segundo estudos recentes, acesso à Internet<sup>3</sup>. Trata-se de um número sem dúvida expressivo. Ele parece menor, contudo, diante do contingente de dois bilhões de habitantes deste planeta que jamais usaram um telefone. É bom lembrar ainda, em tempos de internet, que apenas cinquenta por cento da população mundial, estimada em 7 bilhões de pessoas, possui linha de telefonia fixa.

Tomar a homogeneização operada pela mídia e pelo mundo digital como ponto pacífico não seria cair na armadilha da “globalização” -- que se propõe inclusiva, quando na verdade, como bem sabemos, não promove senão mais uma edição da exclusão? Não seria o universo virtual e da mídia uma refinada nova religião, encarnando o futuro de uma ilusão, para aludir ao famoso escrito de Freud?

Entre nossas ilusões e os argumentos que nelas se apóiam, seja como for, há muito tempo o espetáculo nos fascina. Assim como a cantora Yvette Guilbert encantou Freud desde sua passagem por Paris em 1889, nos conta Regina Glória Andrade em seu trabalho que apresenta uma relação de

---

<sup>2</sup> Ibid., p. 332.

amizade e admiração pouco conhecida dos leitores de Freud. E que não deixa de contribuir para refletirmos sobre o vigoroso entrelaçamento com a arte que marca a construção da Psicanálise -- principalmente quando traz trechos de uma carta de Freud a Yvette em 1931, em que ele reafirma sua crença na determinação inconsciente, infantil, da obra do artista, mas ao mesmo tempo se inclina, reverente, diante do que chama “o belo mistério” que faz com que canções interpretadas por Yvette façam tremer o público.

Que as obras de Nazareth Pacheco também nos façam de alguma maneira “tremem” é o que mostra e explora Miriam Chnaiderman em seu belo ensaio. Nas palavras da autora, “é em nosso corpo que experimentamos” essa obra. O trabalho dessa artista permite, portanto, que Chnaiderman esboce o corpo e o sujeito na contemporaneidade. Toda identidade é dilacerada pelo material cortante muitas vezes aí presente, e o corpo é o campo de batalha onde será suscitado um “trabalho de recostura do próprio eu” em que se torna possível uma pluralidade de eus. O trabalho dessa artista iria além do desejo, convocando o gozo de uma maneira que põe em questão as próprias delimitações do sujeito. “Quem goza com o gozo de quem?” é a pergunta que, segundo Chnaiderman, essa obra nos proporia. A imagem do corpo seria de alguma maneira desalienada por esse trabalho de contemplação, por assim dizer, através de um dilaceramento que desnuda um corpo convulsivo, apelando para o corpo em sua dimensão real, pulsional. Para a autora, isso corresponde a uma operação radical de estranhamento, do *Unheimliche* freudiano, o estranho que colocaria a “subjetividade em circulação, esparramando os gozos”.

A partir da imagem, a que pese sua natureza espetacular, a arte prova que o sujeito continua, apesar de tudo, operando subversões: a de si próprio, estranhado, a do outro, espelhado, a da cultura, talvez, por mais que as “visões de mundo” tentem fixá-lo uma vez por todas.

---

<sup>3</sup> Segundo estudo desenvolvido pela Aladi (Associação Latino-Americana de Integração), cujos dados encontrei no *Correio Braziliense* do dia 26 de outubro de 2003.